

## UM CINECLUBE NA FLORESTA: A SUSCINTA TRAJETÓRIA DO CINECLUBE AQUIRY

Helio M Costa Jr (Ufac)

### RESUMO

Durante a agitada década de 1970, conhecido como os anos de chumbo, a cidade de Rio Branco viveu um intenso movimento cultural, na qual os jovens acreanos se engajavam nos Festivais de Música, Teatro, Cinema ou no então Movimento Cineclubista que aconteceu nesse período. Este artigo é um recorte da Tese de doutoramento intitulada *O Onírico desacorrentado: o movimento cineclubista brasileiro (do engajamento estético à resistência política nos anos de chumbo – 1928-1988)*, no qual expõe-se de forma suscinta, como foi articulado o Movimento cineclubista na cidade de Rio Branco, Acre.

**Palavras chaves:** História do Acre, História Social, Movimento Cultural, Modos de vida, Movimento Cineclubista, Cineclube Aquiry

A força e a intensidade do Movimento Cineclubista brasileiro<sup>1</sup> foram tão vigorosas na década de 1970 que até os lugares afastados de grandes centros culturais do Brasil, como a cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre, que naquela década se encontrava praticamente isolada do resto do país devido a sua distância geográfica do centro-sul e à intrafegabilidade da única rodovia que a ligava por terra ao resto do país, a BR-364, durante seis meses do chamado inverno amazônico, teve também um cineclube naquele período, o Cineclube Aquiry.

O cineclubismo chegou ao Acre em 1976 nas bagagens de Francisco Gregório Filho. Ele, que havia se mudado de sua cidade natal Rio Branco, para o Rio de Janeiro com planos de estudar contabilidade na capital carioca, mas durante esse período de estudos, passou a frequentar assiduamente o Museu de Arte Moderna, isso pelos idos dos anos de 1968 a 1970, e a ser um contumaz espectador da Cinemateca do MAM – RJ:

Lá no Museu de Arte Moderna, eu cheguei no Rio, fui estudar contabilidade, eu estudava contabilidade à noite e durante o dia, morando no Bairro da Glória, eu atravessava ali o aterro [Flamengo] e ia para o MAM, e ficava o dia participando de Oficinas, encontros, debates, vendo filmes. (GREGÓRIO FILHO, jun, 2012)

Foi durante essas suas idas ao MAM-RJ que Gregório Filho começou uma nova trajetória incentivada pelos novos amigos que conheceu no

<sup>1</sup> Para maiores detalhes acerca do Movimento Cineclubista brasileiro consultar *O Onírico desacorrentado: o movimento cineclubista brasileiro (do engajamento estético à resistência política nos anos de chumbo – 1928-1988)* / Hélio Moreira da Costa Júnior --- São Paulo: USP, 2015

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Largou o Curso de Contabilidade e começou a estudar teatro na Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (FEFIEG)<sup>2</sup>. É nesse período também, que fundou o “Grupo Ensaio”, do qual foi diretor, roteirista e ator.

Outro personagem importante para a criação do Cineclube Aquiry, foi Elias Mansour Simão Filho. Acreano e um ex-dirigente do “Partidão”, que vivia e militava na cidade do Rio de Janeiro. Participou do Movimento de Cultura Popular (MCP), do Programa Nacional de Alfabetização (PNA) e após o golpe de 1964, devido a sua militância, foi expulso da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) e indiciado em vários Inquéritos Policiais-Militares (IPMs), motivo pelo qual se viu obrigado a retornar, na condição de foragido da justiça, a sua terra natal, Rio Branco, Acre. Em 1972, quando exercia o cargo de diretor do Atlético Clube Juventus, um dos tradicionais clubes de futebol da cidade, convidou Francisco Gregório Filho para vir até Rio Branco com o Grupo Ensaio, devido às comemorações do aniversário de fundação do clube. A proposta era Gregório e seu Grupo apresentarem uma peça de Bertolt Brecht, “*Aquele que diz sim, aquele que diz não*”, e concomitantemente o espetáculo “*Entorno da palavra homem*”, uma coletânea de poemas, músicas e canções, além da exibição de alguns filmes e documentários que o Grupo havia trazido em suas bagagens.

Os espetáculos e os filmes foram mostrados em vários locais da cidade: na sede social do Atlético Clube Juventus, na sede social do Rio Branco Futebol Clube, no Cine-Theatro Recreio e no auditório de um dos colégios mais tradicionais de cidade: o Colégio Acreano. Além da apresentação das peças teatrais, foram também oferecidas oficinas de corpo e voz aos candidatos a atores, além da exibição de filmes e documentários nacionais. Após essas apresentações, o Grupo retornou para o Rio de Janeiro, mas Gregório despertou o interesse em algumas pessoas que assistiram aos filmes exibidos naquela turnê. Tratava-se de filmes nacionais, produzidos por cineastas contemporâneos. Esses filmes tinham sido adquiridos na Cinemateca do MAM-RJ, por intermédio de Ana Pessoa, que era cineclubista do Cineclube do Leme, e de Regina Machado, da Embrafilme, e estas também ajudaram a selecionar, além dos filmes, os textos que eles trouxeram para Rio Branco, cuja finalidade era dar embasamento para

<sup>2</sup> A Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara – FEFIEG foi criada em 1969 como parte de um movimento para reconhecimento dos cursos técnicos em cursos de nível superior, posteriormente converteu-se em Federação das Escolas Isoladas Federais do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ – 1975), após 1979 nova denominação: Escola de Teatro do Centro de Letras e Artes da UNIRIO e finalmente Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

os debates após a projeção das películas. Ao final daquela temporada, o Grupo retornaria para a capital carioca.

Em 1973, Gregório Filho retornaria a Rio Branco com mais filmes, desta vez a viagem foi a passeio e Gregório passaria alguns meses na companhia de Chico Pop, um ativista cultural que possuía uma coluna intitulada “A cidade se diverte” em um dos jornais da capital acreana. Das sessões de filmes e das conversas, surge a ideia de fundar um cineclubes. Em 1976, Gregório, após ter finalizado o curso de Teatro, voltou em definitivo para sua cidade natal e com a ajuda de alguns ativistas locais, tais como Abrahim Farhat, conhecido na cidade apenas com Lhé, Elson Martins, jornalista do Estadão, e o Bispo Dom Moacyr, da Igreja católica, montaram uma peça infantil e uma outra para adultos. A estratégia era: após a apresentação da peça infantil, convidar os adultos para a peça a ser apresentada na parte noturna e como chamariz, anunciavam também a exibição de um filme. A estratégia deu certo e o público almejado aparecia no auditório do Colégio Acreano para assistir à peça e aos filmes ali exibidos. Um problema começou a dificultar a exibição dos filmes: a incursão da Polícia Federal, conforme relatou Gregório Filho,

O cineclubes, ele já foi uma das maneiras de sobrevivência, porque cada filme que a gente apresentava, nós eramos ameaçados pela Polícia Federal, e o cineclubes, ele dava status de uma instituição cultural, então a criação do cineclubes, com Elson Martins, também promovia status que criava vínculos com outros movimentos de cineclubes forte, o Rio de Janeiro, e essa ligação com a Cinemateca então é como se nós tivéssemos mais um amparo, amparo político, cultural, social, um amparo intelectual, então nós escreviamos, trocávamos correspondências com os cineclubistas de outro lugares e a cinemateca do MAM, a Ana Pessoa, ela mandava os filmes, muitas vezes ela pegou dinheiro dela, táxi para levar rolos de filmes e despachar na Varig – ela fazia, pra mandar pra gente que era amigo. (GREGÓRIO FILHO, jun, 2012)

Após as primeiras conversas entre Chico Pop e Gregório, o número de interessados em criar um cineclubes aumentou: Marcelo Jósio Bezerra de Souza ou Marcelo Moreno, como era mais comumente chamado, integrante do Grupo Ensaio, Elson Martins, jornalista, Francisco Carlos da Silveira Cavalcanti, o Carlitinho, Cristina Francescuti, Lucia Braga, Raimunda Bezerra, Abrahim Farhat, Fernando Garcia, entre outros. Feitas algumas reuniões, foi elaborado o Estatuto do cineclubes, seguindo o modelo dos similares que já existiam no Rio de Janeiro.

No entanto, outro dilema surgia: qual o nome a ser dado ao

cinelube? A discussão era motivo de embates, já que na cidade de Rio Branco, por conta do momento político local, no qual se intensificava o confronto entre os seringueiros e os chamados pejorativamente de ‘paulistas’ (os sulistas que chegavam ao Acre, atraídos pela promessa de terras, e pelo dístico governamental que afirmava ser o *Acre uma nova Canaã. Um nordeste sem seca. Um sul sem geadas*), tinha-se um campo propício para a exacerbação do regionalismo. Assim, batizar um cinelube era também um ato político de resistência à chegada dos ‘paulistas’. Foi necessário fazer uma votação. Vários nomes concorreram, entre eles podemos citar: Cernambi, mas não foi aceito por significar uma borracha de qualidade inferior; outra proposta foi como rememora Gregório:

Tinha, tinham outros nomes, mais tinha um nome muito forte concorrente, que na época, não sei quem exatamente defendeu, mas era Galvez – cinelube Galvez -, era o espírito mais anárquico que gostava de Galvez, nós defendíamos Aquiry, era mais pé no chão, assim mais acreanista. (GREGÓRIO FILHO, jun, 2012)

O nome que saiu vencedor na eleição foi Aquiry, palavra indígena que teria originado o nome do Estado do Acre. Destaque-se que existem variadas versões acerca deste topônimo, contudo optamos pela interpretação de José Moreira Brandão Castelo Branco Sobrinho (Rev.do IHGB, v. 240 - 1958), que afirma tratar-se de designação de origem indígena, os Apurinãs, dada ao rio que hoje corta a cidade de Rio Branco: rio Aquiry ou Uaquir, que foi sendo alterado ao longo do tempo em Aquiry, Aciri, e finalmente Acre. Aprovado o nome, o cinelube Aquiry foi oficialmente fundado, de acordo com o seu Estatuto, em 19 de junho de 1976.

Concomitantemente, Gregório foi convidado para trabalhar em rádios locais. O nome do programa era “Momento Experiência”, na rádio Novo Andirá, e em seguida na Difusora Acreana. Ele aproveitava para divulgar o cinelube, comentando trechos dos filmes e lendo as críticas enviadas por Ana Pessoa, do MAM-RJ. O sucesso do Programa radiofônico levou o então governador da época, Geraldo Mesquita, a criar o Departamento de Ação Cultural, em abril de 1976, e a convidar Gregório Filho para ser diretor do órgão.

No DAC, Gregório passou a ter a estrutura necessária para fortalecer o cinelube Aquiry: projetor 16mm, tela de projeção, máquinas de datilografia para copiar os textos enviados por Ana Pessoa, do MAM-RJ, mimeógrafo para reproduzir os textos e um local seguro para guardar os filmes.

As exibições aconteciam no auditório<sup>3</sup> da Universidade Federal do Acre, que também apoiava a iniciativa por meio de sua Pró-reitora de Extensão, cedendo, além do espaço, algumas vezes, também o projetor de 16mm, em uma sala do Departamento de Ação Cultural, da Secretaria da Educação do Estado, no Cine Paroquial, que pertencia à Igreja Católica e no auditório do Ceseme, uma escola de Ensino Médio.

Gregório lembra que aconteciam imprevistos durante a projeção devido à pouca habilidade que ele e Marcelo Moreno tinham com o projetor:

Era um sufoco! E tinha um problema grave, que era o filme quebrar, nós tínhamos que emendar com durex, emendava o filme com durex, então nós estávamos com o filme e projetor, o rolo e o durex. (...) Era comum, porque lá cortava, 'perai um instantinho', acende a luz e emendava com durex e quantas vezes pulava os fotogramas. (GREGÓRIO FILHO, jun, 2012)

A divulgação era feita nas rádios locais e ganhava o reforço da publicação de um Boletim informativo; assim como a maioria dos cineclubes, o Aquiry também passou a ter seu próprio órgão de divulgação. As informações, resenhas e críticas filmicas contidas nesse Boletim eram encaminhadas, em sua maioria, por intermédio de Ana Pessoa, da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, e ao chegarem através de voos de uma das companhias áreas de Rio Branco, já havia um associado do cineclubes aguardando a valiosa encomenda, que era prontamente entregue no DAC para que fosse datilografada e impressa durante a noite.

Porém, não somente da Cinemateca do MAM-RJ procediam as informações, outros cineclubes também apareceram no Boletim de divulgação do Aquiry; no número de setembro do ano de 1976, podemos observar que os nomes dos cineclubes Macunaíma e Glauber Rocha e da Federação dos Cineclubes do Rio de Janeiro também constam como apoiadores, além logicamente, do próprio cineclubes Aquiry, pois a tipografia dos textos vindos de outros cineclubes diferia dos escritos produzidos localmente.

---

<sup>3</sup> Atualmente é o auditório do Colégio de Aplicação (CAP) da Universidade Federal do Acre (UFAC)



Figura 16- Boletim do Cineclub Aquiry de setembro de 1976.  
Fonte: acervo particular Francisco Carlos da Silveira Cavalcanti

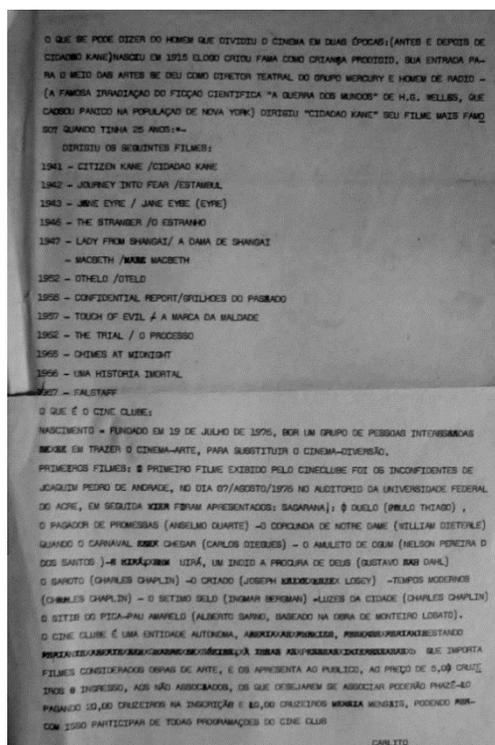


Figura 17 - Trecho do Boletim de divulgação do Cineclub Aquiry datilografado pelos integrantes do cineclub, no caso, trata-se de Francisco Carlos da Silveira Cavalcanti (Carlitinho) - Fonte: acervo particular Francisco Carlos da Silveira Cavalcanti

Devemos ressaltar uma particularidade do cineclube Aquiry: seu distanciamento geográfico em relação às cidades de onde eram enviados os filmes (Rio de Janeiro e São Paulo), o que ocasionalmente causava transtornos, como ‘furos’ na programação devido ao atraso ou não envio de um filme:

“O filme para chegar, por exemplo, a gente escolhia da semana anterior, ele demorava três dias prá chegar na quinta, então apresentávamos na sexta, sábado e domingo e devolvia na segunda, aí aguardava a chegada do outro”. (GREGÓRIO FILHO, jun, 2012).

Contudo, em alguns pontos, o cineclube Aquiry tinha os mesmos problemas comuns aos congêneres do eixo Rio-São Paulo, derivados de um fator: a censura. A rotina de conseguir o certificado de censura liberando a exibição dos filmes era sempre um ato de paciência e coragem, pois além de deixar os dirigentes cineclubistas por horas esperando para o filme ser liberado, por vezes, eram surpreendidos com um veto inesperado. Foi o caso de *São Bernardo*, Leon Hirszman (1971) e *Sagarana, o duelo*, de Paulo Thiago (1974):

Foi, e um filme que nem tinha grande coisa, mas foi o filme a partir da obra de Guimarães Rosa, um conto do Guimarães Rosa, São Bernardo, se não me engano e o Sagarana, o duelo, esse Sagarana foi complicado pra liberar, ele primeiro foi censurado, e nós insistimos, aí fomos com Dom Moacyr, pra negociar, pra gente poder apresentar Sagarana, o duelo, eu acho que o Sagarana tinha uma questão de adultério (...) (GREGÓRIO FILHO, jun, 2012)

Dom Moacyr, citado por Gregório Filho, era o Bispo da Prelazia de Rio Branco, Dom Moacyr Grechi atuava no sentido de amenizar a ação da Polícia Federal frente às atividades culturais, lembrando que a maioria dos integrantes dos movimentos culturais da cidade de Rio Branco eram oriundos das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), incluindo os cineclubistas, geralmente ativistas em mais de uma área e prática artístico-cultural.

Outro filme proibido foi o documentário *Nada será como antes*, de Maria Helena Saldanha, que constava na programação do cineclube. A alegação da Polícia Federal era a de sempre: falta do certificado de censura. Contudo, esse mesmo filme já tinha sido exibido na semana anterior, juntamente com outra película, que também foi vítima da censura: *Nós e eles*, documentário de Augusto Sevá, sobre uma reunião de posseiros com investidores do centro-sul, um tema bastante delicado naquelas circunstâncias. Mas, além da imposição de dificuldades para a liberação dos filmes, a Polícia Federal patrulhava e procurava

intimidar os cineclubistas, por vezes pressionando os pais desses jovens, alertando-os acerca do perigo comunista, ou então com intimidações mais constrangedoras, como relatou Francisco Gregório Filho:

Pra você ter uma ideia nós, o pessoal do cineclube, do teatro eu e o Marcelo, nós fomos abordados na rua pela Polícia Federal que mandou a gente tirar a roupa, e nus, e mandou correr aquela ladeirinha ali da maternidade, o Elson [Martins] morava numa casa lá em cima, perto do [jornal] Varadouro, nós fomos bater na porta do Elson nus. (GREGÓRIO FILHO, jun, 2012)

O cineclube Aquiry procurou formas de se garantir financeiramente. Além dos sócios, que pagavam mensalidade, também era cobrado ingresso daqueles não associados que frequentavam as sessões. As parcerias também foram fundamentais: o apoio do DAC, da Universidade Federal do Acre e do Sesc.

Foi criada uma burocracia que controlava o número de associados e fazia a prestação de contas através do Boletim de divulgação. Todas essas providências evitaram a síndrome que acometia a maioria dos cineclubes no Brasil: a morte prematura.

**CINE CLUBE AQUIRY**  
RIO BRANCO — ACRE

Nome .....

Registro Nº .....

Data ..... / ..... / 19 .....

SECRETÁRIO

PRESIDENTE

Figura 18 - Carteira de Associado do Cineclube Aquiry  
Fonte: Acervo Francisco Carlos da Silveira Cavalcanti

CINECLUBE AQUIRY  
RECIBO

Recibi do Sr. Francisco Carlos da S. Cavalcanti  
a quantia de 30,00 (Trinta Reais)  
referente a mensalidade do mes de OUT/NOV/DEZEMBRO de 1976.

Rio Branco, 19/11/76 C. Gregório  
Responsável p/inscrição

Figura 19 - Recibo de mensalidade dos associados do Cineclube Aquiry  
Fonte: Francisco Carlos da Silveira Cavalcanti

A partir de um encontro casual entre Francisco Gregório e Marcelo Moreno, ambos do cineclube Aquiry, com Álvaro Salmito, Marilene Barbosa e Jaime Ariston, este último diretor do Sesc, recém-chegado à cidade de Rio Branco, nasceria uma parceria e uma disputa entre o Sesc e o Cineclube Aquiry, pois além de apoiar as ações do Aquiry, o Sesc também resolveu criar um novo cineclube na cidade:

Jaime era politicamente muito avançado, Jaime participou de movimento que proporcionava a luta armada, do PCR, aquela coisa toda, saiu fugido daqui [Natal, Rio Grande do Norte] para o Rio de Janeiro, e foi preso político aqui [Natal, Rio Grande do Norte], passou um ano e pouco preso aqui, Jaime chegou lá [Rio Branco] e o pessoal não entendia de jeito nenhum, aí Jaime criou um ambiente para divulgação, criou depois tal momento, parou de exibir o filme lá no antigo Cese-me e a gente exibia lá no Sesc, fazia exibição na sala do Sesc, era uma salinha que tinha ali no edifício [Adonay] Santos, pegava os filmes e colocava à disposição deles, e levava para a comunidade, para discutir os filmes, a gente queria era uma pessoa que acompanhasse, quando o filme terminasse, fizesse uma discussão, era muito difícil essa discussão, o pessoal quase todo analfabeto, a comunidade, os instrutores já era um pessoal avançado (COSTA SOBRINHO, jul, 2013)

A novidade, nesse caso, era a postura do cineclube Aquiry, que contando com a estrutura do Sesc, estendeu a sua ação aos bairros periféricos da cidade. Um outro elemento também vale ser ressaltado nessa nova “fase” do cineclubismo em Rio Branco. Durante as projeções nesses bairros, propunha-se a abertura de debates, que eram conduzidos por integrantes do próprio cineclube Aquiry, muitos desses associados tinham estreita ligação com as Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s) e de acordo com Pedro Vicente, a

Igreja Católica teria a necessidade de quadros preparados para atuarem naquela região como monitores e instrutores:

O primeiro treinamento para monitores na jurisdição religiosa da Prelazia do Acre e Purus realizou-se em 1971, e contou com a presença de 34 pessoas, sendo que a maioria delas já participava das recém-criadas Comunidades Eclesiais de Base. Daí por diante, as CEBs rapidamente se multiplicaram por toda área coberta pela ação pastoral da Igreja, nas cidades e no campo. (COSTA SOBRINHO, 2001, p.44)

No cineclube Aquiry, os associados que compartilhavam da vivência das Comunidades Eclesiais de Base tiveram forte influência da Teologia da Libertação; tratava-se, portanto, de um grupo bastante eclético, mas que possuía como elemento de ligação a preocupação com os conflitos sociais que se agravavam e intensificavam na região acreana, e portadores de uma visão humanista da sociedade. Não é acaso que, em sua maioria, esses jovens cineclubistas participaram também de outras iniciativas culturais, como o teatro, a música e até a produção de cinema. No último caso, citamos os integrantes do Ecaja Filmes<sup>4</sup>, um movimento de jovens cineastas da cidade de Rio Branco, que produziram sete longas metragens em película super-8, além de curtas-metragens e alguns documentários.

Ao final dos anos 1970 e início da década de 1980, com a perspectiva de “abertura política” sugerida por Geisel e já arduamente esboçada por movimentos sociais e ativismos culturais, a vitoriosa campanha do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) nas eleições legislativas de 1974 também influenciava no estado do Acre e reacendia o clima de articulação, acomodação e enfrentamento das forças políticas de oposição e situação. Neste cenário, o cineclube Aquiry começou a perder espaço e a importância diante das novas disputas políticas que se avizinhavam. Organizações tais como a Liberdade e Luta (Libelu), de inspiração trotskista, que em meados da década de 1970 atraíram uma parcela da juventude dentro e fora das universidades, passaram a atuar na reorganização do movimento estudantil, além de fazerem duras críticas aos stalinistas e ao culto da personalidade, entrando assim, em conflito direto com os militantes do PCB, que procuravam ocupar os espaços políticos, desde o início daquela década, principalmente no interior do MDB. O Movimento Democrático Brasileiro passava a ter diante daquele cenário o comportamento de uma

<sup>4</sup> Para saber mais sobre o ECAJA Filmes: COSTA JUNIOR, Hélio Moreira da. Acre (anos) de cinema: uma história quadro-a-quadro de jovens cineastas (1972 – 1982). Rio Branco: Edufac, 2010.

Frente Democrática, mas, devido à diversidade que compunha esta Frente, muitas vezes, com posições francamente opostas, viria a se fragmentar. Foi em meio a esse caldo das disputas dentro e fora do movimento estudantil, cada vez mais acirradas, que aos poucos o cineclubes Aquiry foi perdendo o foco, e no início de 1980, por inanição dos seus quadros, encerrou suas atividades, restando apenas o cineclubes do comerciário, sob a direção do Sesc, mas as perspectivas já eram outras, segundo Pedro Vicente:

a gente no Sesc continuou fazendo, aí eu criei o cineclubes do comerciário, eu digo: olhe, o Sesc é bom, eu chamei um pessoal do Sesc e falei, vocês criam o cineclubes e o Sesc garante o filme, paga o filme, a exibição do filme, e vocês se responsabilizam em exibir, cineclubes comerciário, criamos uma sessão de fim de semana, no Sesc, que era uma sessão aberta para comerciários, e para quem quisesse ir, não era pago, era livre, só que o cineclubes dos comerciários era responsável por essa sessão, para dar margem ao que... para criar o movimento cineclubista. (COSTA SOBRINHO, jul, 2013)

Porém, Pedro Vicente não se sentia convencido de que seria possível rearticular o movimento cineclubista nos moldes em que ele existia entre meados dos anos de 1970 e o início da década de 1980; para ele, seria preciso rever o modelo, repensar a estrutura dos cineclubes. Pedro Vicente chegou mesmo a fazer uma dura crítica à tentativa dessa rearticulação:

Eu acho que o movimento era um negócio meio infantil sabe, não tinha mais jeito de recriar não, sabe, tinha que recriar em outras bases, profissional como se recriou em São Paulo, profissional, salas profissionais. (COSTA SOBRINHO, jul, 2013)

E foi a partir dessas premissas, ou seja, visando à transformação do movimento cineclubista, até aquele período, amador e engajado, em um cineclubismo profissional que o movimento cineclubista passou a travar sua nova batalha. E o campo dessa disputa seriam novamente as Jornadas Nacionais, porém contando com um novo elemento: as possibilidades de abertura política e volta das instituições democráticas. Alguns cineclubistas acreanos iriam participar de algumas dessas 'Jornadas', mas isso é outra História.

## **BIBLIOGRAFIA**

LIVROS / TESES / MONOGRAFIAS / DOCUMENTOS OFICIAIS / DOCUMENTOS JURIDICOS / FILMES / MUSICAS (considerados no todo ou em partes)  
COSTA JUNIOR, Hélio Moreira da. Acre (anos) de cinema: uma história quadro-a-quadro de jovens cineastas (1972 – 1982). Rio Branco: Edufac, 2010.

COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. Comunicação alternativa e movimentos sociais na Amazônia Ocidental. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001, p. 44

GATTI, André Piero, Cineclube. Enciclopédia do Cinema Brasileiro. São Paulo: Editora SENAC São Paulo. 2000.

SOBRINHO, Castelo Branco, BRANDÃO, José Moreira. Descobrimto das terras da região Acreana. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1958 - (Rev.do IHGB, v. 240 - 1958)

\_\_\_\_\_, Pedro Vicente. Memórias, varal das lembranças (blog), <http://cenasecoisas-davida.blogspot.com.br/2012/04/memorias-varal-das-lembrancas-fugaz.html> (Acesso em 25/07/2013)

### **PERIÓDICOS/BOLETINS/ ATAS**

Boletim do Cineclube Aquiry, setembro de 1976.

Boletim do Cineclube Aquiry, dezembro de 1976

Estatuto do Cineclube Aquiry, 19 de junho de 1976

### **FONTES ORAIS**

CAVALCANTI, Francisco Carlos da Silveira (Carlitinho): nasceu em Rio Branco em março de 1954, desde jovem envolveu com os movimentos culturais da cidade de Rio Branco ao participar das Comunidade Eclesiais de Base – CEB's. Em 19 de junho de 1976, assume a Presidência da Diretoria Provisória do recém fundado Cineclube Aquiry, cargo que exercerá por bastante tempo. Carlitinho, como é mais conhecido, possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Acre (1978), mestrado em Planejamento do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Pará (1981) e doutorado em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas (1990). Atualmente é professor da Universidade Federal do Acre. Instituição na qual já foi também Reitor. Entrevista cedida na cidade de Rio Branco, Acre na residência do entrevistado em 18 de agosto de 2007.

COSTA SOBRINHO, Pedro Vicente. (Pedro Vicente): natural de Macau – muito jovem se muda para o estado de Pernambuco, e passa pela cidade de Recife, Joboatão e Ribeirão onde faz o se curso ginásial. Em 1964, volta para o Rio Grande do Norte, para a capital Natal, o que motivou seu retorno estado potiguara na condição de exilado, foi o fato de ser filiado do Partido Comunista do Brasil (PCB). Frequentador assíduo da livraria Universitária, onde conheceu Moacy Cirne, Gilberto Stábili, Francisco Sobreira, Alderico Leandro, Falves, Franklin Capistrano, Bené Chaves, Juliano Siqueira e outros, que frequentavam o cineclube Tirol. Foi eleito Federação Norte-Nordeste de Cineclubes no início da década de 1970. Fez membro ativo do cineclube Tirol, em Natal e fundou o cineclube dos Comerciantes na cidade Rio Branco, capital do estado do Acre. Entrevista realizada em 25/07/2013 em sua residência, em Natal/RN.

GREGÓRIO FILHO, Francisco: nasceu em Rio Branco, no Acre. Formado em artes cênicas, pela UNIRIO, atuou como ator e diretor. Foi gestor de programas e projetos culturais nas áreas de música, rádio e teatro. Na década de 1990 começou a se dedicar às questões da leitura, tendo sido um dos organizadores do Programa Nacional de Incentivo à Leitura, implantado em 1992, na Biblioteca Nacional (1992 a 1996). Desde então desenvolve oficinas de formação de contadores de histórias para educadores so-

ciais, estudantes e profissionais de diferentes áreas. Foi professor do Curso de Leitura, Teoria e Prática, promovido pela PUC/RJ. Na década de 1970, foi um dos fundadores do Cineclubes Aquiry, em 19 de junho de 1976 em sua terra natal. Entrevista cedida no Café Prefácio, Rio de Janeiro em 05 de junho de 2012.

SANTOS, Ana Maria Pessoa dos (Ana Pessoa): nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 16 de agosto de 1955. Morou sempre em Copacabana, em uma casa ampla, onde se reunia com os colegas e de onde surgiria a ideia de criar o cineclubes Leme. Arquiteta, Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ, com a dissertação “Sob a luz das estrelas – Carmen Santos e o cinema brasileiro silencioso (1919-1942)”. Doutora pela mesma faculdade, com a tese “Cartas do sobrado”, sobre correspondência e memória social, defendida em 2000. Iniciou sua trajetória profissional na Cinemateca do MAM, em 1976; em seguida, ocupou cargos gerenciais em instituições governamentais – Embrafilme, Fundação do Cinema Brasileiro e Funarte – onde coordenou inúmeros projetos de pesquisa, edições de livros e catálogos, exposições, cursos, seminários e mostras nas áreas de cinema e artes cênicas. A partir de 1996, passou a integrar o quadro de pesquisadores da Casa de Rui Barbosa. Entrevista cedida na Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro em 28 de maio de 2012.